

“Forma de expressão de uma raça”: o Cativo

Reis, Letícia Vidor de Sousa

Entre o começo da década de 1960 e o princípio dos anos de 1970, vários mestres de capoeira e capoeiristas baianos migram para a cidade de São Paulo e formarão a primeira geração de capoeiristas paulistanos. Neste artigo, estabeleço uma comparação entre três diferentes concepções sobre a identidade da capoeira paulistana: a da Federação Paulista de Capoeira, a qual a vê como uma “arte marcial brasileira”, a do Grupo de Capoeira Capitães d’Areia que a representa como “arma dos oprimidos” e a do Grupo de Capoeira Cativo que a representa como “uma forma de expressão negra”. Tais representações sociais determinarão a forma de graduação de cada um deles. A Federação Paulista de Capoeira adotará as cores da bandeira nacional, o Grupo de Capoeira Capitães d’Areia tomará como base a história do negro no Brasil e Grupo de Capoeira Cativo se baseará nas cores dos orixás. O Cativo formou-se num contexto histórico de redemocratização e afirmação das diferenças. Entre fins da década de 1970 e início da década de 1980, começavam a despontar na sociedade brasileira movimentos sociais organizados. Renascia o movimento negro, denunciando o racismo presente no país, ao mesmo tempo em que se iniciava também um processo de reafirmação de algumas manifestações de origem negra (PRANDI, 1991). Em 1978, funda-se em São Paulo o Movimento Negro Unificado (MNU), uma organização de âmbito nacional. Esses grupos organizados lutando, cada um a seu modo, pela “tomada de consciência” dos negros em relação à opressão racial e social, assumirão uma identidade negra, construída sob a égide da resistência.

Assim como os Capitães, o Cativo chama a si próprio de grupo e não se filia à Federação por discordar de sua orientação “marcializante”. A proposta para a capoeira paulistana que o Cativo traz acentua a diferença étnica, afirmada a partir da reelaboração de materiais simbólicos da cultura afro-brasileira representados pelo panteão dos orixás do candomblé de Angola e Keto. Na própria escolha do nome do grupo, que vincula a luta diretamente à escravidão, já está contida essa perspectiva enegrecedora, também contemplada em sua Apostila, onde se acentua que “a capoeira deve ser entendida como forma de expressão de uma raça” (1982).

O grupo iniciou suas atividades em fins da década de 1970, na cidade de Ribeirão Preto (SP). Ali, mestre Miguel, migrante originário de Itabuna (BA) e principal liderança do grupo, ensinava capoeira e, em 1980, transferiu-se para a capital do estado e ali abriu a primeira escola de capoeira do Cataveiro, situada na região central da cidade. O Cataveiro resultou da união de seis mestres descontentes com a "marcialização" e a pobreza técnica e metodológica que, em sua opinião, a Federação Paulista de Capoeira impunha à prática. Segundo eles, o confronto indireto no jogo de capoeira fora substituído pelo embate direto, onde os lutadores "mostravam os movimentos", isto é, deixavam transparecer sua intenção.

Com isso a "alma negra" da capoeira que é precisamente a sua ambiguidade que possibilita o disfarce, a dissimulação do ataque desaparecia naquela capoeira representada como "arte marcial brasileira".

Em sua proposta para a capoeira, o Cataveiro realça a necessidade de valorização da mesma como "esporte nacional" por ser afro-brasileira. Em sua escala de graduação, relaciona-se o nome de sete orixás e seus elementos com os sete estágios de aprendizado do capoeirista. Nessa leitura das artes marciais, o aspecto mais original do enegrecimento da capoeira é a tentativa de sacralização da luta com base nas cores dos orixás. Entretanto, ao afirmar a indissociabilidade entre matéria e espírito, acabará (como já o fizera antes mestre Pastinha) aproximando-se do *ethos* das chamadas artes marciais orientais, mas propondo uma ressignificação negra para as mesmas.

Se, como aponta Prandi (1991), uma das fontes legitimadoras do candomblé da metrópole paulistana é a África, no caso da capoeira o reconhecimento passa pela Bahia e, particularmente, pelo aprendizado junto aos velhos mestres de Salvador ou do Recôncavo. A partir do retorno à sua terra natal, mestre Miguel terá aí a sua principal fonte de legitimidade, o que lhe assegurará prestígio não só dentro do Cataveiro, como também no meio da capoeiragem paulistana.